



Alexis Tsipras é a cara do partido de extrema-esquerda Syriza, que ameaça conquistar o poder na Grécia e promete acabar com as políticas de austeridade.

>>> página 15

seja “racionalmente possível”, dado que “isso também não seria do interesse da Europa”, concretiza Marcos Ferreira. A própria CE já veio esclarecer que a pertença à Zona Euro é “irrevogável”.

A posição alemã parece ambígua. Se, de um lado, são visíveis as pressões sobre o eleitorado grego, do outro parece haver uma posição de abertura à negociação. O ministro da Economia alemão e líder do SPD, Sigmar Gabriel, conjuga essa mesma dicotomia. Citado pelo The Guardian, ao mesmo tempo que assevera “não existem planos no sentido contrário” à permanência da Grécia no euro, Gabriel refere que a Europa dispõe, actualmente, dos instrumentos necessários para evitar as consequências negativas de um “Grexit”, motivo pelo qual “não poderemos ser chantageados”, conclui.

Contudo, tanto em Berlim como em Bruxelas, temem-se os efeitos negativos que as soluções impostas possam produzir na Grécia. “Talvez a melhor forma de perceber o efeito da pressão de [Angela] Merkel e de outros seja recordar o que aconteceu em Portugal quando os técnicos da troika faziam conferências de imprensa a dizer como nos devíamos governar”, considera Moreira de Sá. Por razões várias, uma solução negociada afirma-se da preferência de todos os intervenientes no processo.

O SEGREDO ESTÁ NA NEGOCIAÇÃO

A posição do líder dos sociais-democratas alemães é reforçada pelo facto de, ao longo dos últimos anos, as principais instituições financeiras germânicas terem reduzido, em grande medida, a exposi-

“Os gregos nem sequer temem um ‘Grexit’ porque o Tsipras já se manifestou contra”, diz Theofanis Exadaktylos, professor de Políticas Europeias na Universidade de Surrey, no Reino Unido.

ção à Grécia, obrigando Atenas a uma postura mais receptiva à negociação. Os mecanismos criados pela UE nos últimos anos dão “sinais de que o risco sistémico foi afastado”, o que, na perspectiva de Paulo Sande, contribui para que a Grécia tenha ficado “muito mais isolada”.

Apesar do suposto enfraquecimento da posição grega, Marcos Ferreira defende que “há uma imposição por parte da Alemanha que, perante as reacções, também não consegue evitar recuar para a negociação”. “É um jogo psicológico”, concretiza o professor do ISCSP, apoiado por Tiago Moreira de Sá, que garante que, além de psicológico, este é um “problema político e não económico” porque se chegar o dia em que um país saia da Zona Euro, ou da UE, “acaba-se de vez a confiança no projecto europeu”. Num artigo intitulado “Como Pode a Grécia Evitar o ‘Grexit’”, a revista The Economist equiparava este panorama a um jogo de póquer, num embate de “bluff” e “contra-bluff”, em que Tsipras exige o alívio do fardo da dívida e a Alemanha responde dizendo já não aceitar chantagens.

Todavia, a primazia negocial pode jogar a favor de Atenas e de Alexis Tsipras, que defende a anulação da “maior parte do valor nominal da dívida pública”, reclamando “condições de reembolso que não levem o país a sufocar em recessão e as pessoas ao desespero”. Pretensão que colide com a vontade proferida desde Berlim, que apenas mostra disponibilidade para uma reestruturação da dívida helénica que passe, por exemplo, pelo prolongamento das maturidades e pela redução das taxas de juro. Diferente é, porém, a postura demonstrada, esta semana, pelo primeiro-ministro finlandês